

REVISTA O UNIVERSO OBSERVÁVEL

**PULSÃO DE MORTE E O FENÔMENO DA MORTE PREMATURA EM
SOCIEDADES AFRICANAS: Possíveis Relações entre o
Psicanalítico e o Cosmológico**

**DEATH DRIVE AND THE PHENOMENON OF PREMATURE DEATH IN AFRICAN
SOCIETIES: POSSIBLE RELATIONSHIPS BETWEEN THE PSYCHOANALYTIC AND
THE COSMOLOGICAL**

Fábio Lopes¹
Alexandre De Souza²
Rosi Juncker³
Adriana Maciel⁴

Revista O Universo Observável
DOI: 10.5281/zenodo.17449019
[ISSN: 2966-0599](#)

¹Professor /Faculdade De Tecnologia De Araras.

E-mail: Atelieiyamopo@Gmail.Com

Lattes: [Http://Lattes.Cnpq.Br/9595137654844585](http://Lattes.Cnpq.Br/9595137654844585)

²Educador Químico/Templo De Èsin Òrisà Ìbile Ogbè Òsá.

E-mail: Alelanon@Gmail.Com

Lattes: <Https://Lattes.Cnpq.Br/9554438144349812>

³Gestora De Projetos/Projeto Adote Um Cidadão.

E-mail: Rosijuncker@Gmail.Com

Lattes: <Https://Lattes.Cnpq.Br/2943610922820992>

⁴Advogada E Pesquisadora/Instituto Ifatope.

E-mail: Adri_Nmaciel@Hotmail.Com

Lattes: <Https://Lattes.Cnpq.Br/7018148493373527>





v.2, n.10, 2025 - Outubro

**PULSÃO DE MORTE E O FENÔMENO DA MORTE PREMATURA EM SOCIEDADES
AFRICANAS: Possíveis Relações entre o Psicanalítico e o Cosmológico**

Fábio Lopes, Alexandre De Souza, Rosi Juncker e Adriana Maciel



PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE

ISSN
International Standard Serial Number
2966-0599

www.ouniversoobservavel.com.br

Editora e Revista
O Universo Observável
CNPJ: 57.199.688/0001-06
Naviraí – Mato Grosso do Sul
Rua: Botucudos, 365 – Centro
CEP: 79950-000

RESUMO

A pulsão de morte, formulada por Freud, é complexa e frequentemente se entrelaça com diversas abordagens culturais e psicológicas. Freud sugere que a pulsão de morte é caracterizada por uma tendência de retorno ao inorgânico, que muitas vezes se manifesta em comportamentos autodestrutivos, mais evidentes em crianças. No entendimento das experiências de vida e morte dentro das culturas africanas, nas quais a vida não é apenas uma sequência linear de eventos, mas um ciclo interligado de experiências que se entrelaçam com o espiritual, os conceitos de Ògbánjé e Àbíkú surgem como elementos centrais nas narrativas familiares e na espiritualidade, moldando profundamente a experiência de vários indivíduos e comunidades. Este trabalho busca evidenciar possíveis relações entre esses conceitos e a pulsão de morte. A discussão sobre as implicações da pulsão de morte no contexto de Àbíkú e Ògbánjé nos leva a refletir sobre os direitos das vozes culturais na compreensão desse tema. A pluralidade cultural não apenas enriquece a psicologia, mas também desafia o monopólio de visões ocidentais sobre a psique e os processos de luto.

Palavras chave: Ògbánjé. Àbíkú. Pulsão de Morte. Sociedades Africanas

ABSTRACT

The death drive, formulated by Freud, is complex and frequently intertwined with diverse cultural and psychological approaches. Freud suggests that the death drive is characterized by a tendency to return to the inorganic, which often manifests itself in self-destructive behaviors, most evident in children. In understanding the experiences of life and death within African cultures, in which life is not simply a linear sequence of events, but an interconnected cycle of experiences intertwined with the spiritual, the concepts of Ògbánjé and Àbíkú emerge as central elements in family narratives and spirituality, profoundly shaping the experiences of various individuals and communities. This work seeks to highlight possible relationships between these concepts and the death drive. The discussion of the implications of the death drive in the context of Àbíkú and Ògbánjé leads us to reflect on the rights of cultural voices in understanding this topic. Cultural plurality not only enriches psychology, but also challenges the monopoly of Western views on the psyche and the grieving process.

Keywords: Ògbánjé. Àbíkú, Death Drive. African Societies.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma visão geral do papel da pulsão de morte na psicanálise e suas inter-relações com os conceitos mitológicos que explicam a morte prematura nas sociedades africanas. A pulsão de morte, uma das contribuições mais intrigantes de Sigmund Freud, é um conceito que suscita debates contínuos e variados entre os estudiosos. O conceito de pulsão de morte, é problemático e complexo, uma vez que está atravessado do princípio ao fim pelas vicissitudes de um pensamento como o freudiano (GUTIÉRREZ-TERRAZAS, 2002). A compreensão dessa pulsão revela não apenas aspectos intrínsecos da psique humana, mas também suas manifestações culturais, como se verá ao longo deste trabalho.

No decorrer do estudo, serão abordados os conceitos de Ògbánjé e Àbíkú, que se referem a crianças na cultura de etnias presentes na Nigéria, as quais enfrentam experiências de vida e morte marcadas por significados espirituais profundos. "Àbíkú" são crianças que vêm do mundo espiritual e podem retornar a esse mundo após um breve período na Terra, a menos que certos rituais sejam realizados (OGUNJUYIGBE, 2004). Este fenômeno cultural será relacionado à pulsão de morte, levantando questões sobre como as experiências e interpretações

psicanalíticas podem variar em diferentes contextos culturais.

A estrutura do texto se desdobrará em quatro capítulos, cada um examinando aspectos distintos da pulsão de morte e suas intersecções com os conceitos cosmológicos africanos. Inicialmente, exploraremos quais são os principais fundamentos teóricos da pulsão de morte na psicanálise, destacando suas interpretações e relevância contemporânea. Em seguida, definiremos e contextualizaremos os conceitos de Ògbánjé e Àbíkú, elucidando como eles são percebidos nas tradições africanas.

Posteriormente, discutiremos as intersecções entre o psicanalítico e o cosmológico, analisando as relações que emergem a partir dessa conexão. Também serão apresentadas as implicações culturais e psicológicas resultantes dessa relação, contribuindo para um entendimento mais amplo sobre a psique humana e suas representações culturais. Finalmente, identificaremos lacunas na literatura atual e destacaremos a contribuição deste estudo para o entendimento das relações entre pulsão de morte e conceitos africanos. Essa jornada teórica irá construir uma base sólida para o exame da interação entre o pensamento psicanalítico e as tradições culturais africanas, sublinhando a riqueza e complexidade das experiências humanas.

1.1. Pulsão de morte

A pulsão de morte, um conceito controverso e fascinante na psicanálise, propõe uma perspectiva única e desafiadora sobre os aspectos sombrios da psique humana. Inicialmente formulada por Sigmund Freud, a compreensão dessa pulsão é complexa e frequentemente se entrelaça com diversas abordagens culturais e psicológicas. Este capítulo se concentra em uma análise crítica da pulsão de morte, explorando suas origens teóricas e suas expressões na prática clínica atual.

Os fundamentos teóricos da pulsão de morte segundo Freud são complexos, uma vez que envolvem a dualidade entre a busca de prazer e a tendência de se direcionar a experiências dolorosas. "Freud propôs que desde o próprio início da vida, e em consequência da atividade muscular do organismo, está em ação uma agressividade por parte do sujeito infantil dirigida para o exterior, ou para o objeto externo que cuida dele (GUTIÉRREZ-TERRAZAS, 2002). A teoria de Melanie Klein também contribui significativamente para a compreensão dessas dinâmicas emocionais e comportamentais nas crianças.

A pulsão de morte, propõe uma dualidade que revela a complexidade da natureza humana e do comportamento. No centro dessa discussão está a divergência entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, uma tensão que não apenas permeia os escritos de Freud, mas também se reflete nas experiências humanas desde a infância.

Freud sugere que a pulsão de morte é caracterizada por uma tendência de retorno ao inorgânico e tende a baixar, manter constante, suprimir a tensão interna de estímulo (FREUD 2010). Essa visão nos leva a examinar como a pulsão de morte, em seu desejo de reduzir a tensão emocional, pode se manifestar em comportamentos autodestrutivos, que muitas vezes são mais evidentes em crianças. A infância, sendo uma fase de formação crítica da personalidade, abriga intensas tensões emocionais que podem ser influenciadas por essa pulsão.

A interação entre a pulsão de morte e a pulsão de vida delineia um campo fértil para a análise da agressividade infantil. Enquanto a pulsão de vida busca a preservação e a construção do self, a pulsão de morte pode invocar conflitos que manifestam a agressividade. Um dos pontos centrais a serem investigados é como esses conflitos se expressam nas primeiras fases do desenvolvimento. A lógica freudiana sugere que a agressividade se torna parte do repertório emocional da criança, frequentemente ligando-se a suas interações sociais e às demandas do ambiente.

Além disso, enquanto em Freud o foco da análise recai sobre a tensão entre desejos e as exigências do superego, na infância as ansiedades são frequentemente associadas a conflitos com a

realidade externa" (LAENDER, 2005). A partir desta perspectiva, podemos considerar como as crianças não apenas lidam com suas pulsões internas, mas também como respondem às expectativas externas. Este fenômeno pode, em última análise, influenciar o desenvolvimento emocional e as respostas comportamentais.

Algumas evidências empíricas sugerem que manifestações disfuncionais da pulsão de morte podem estar ligadas a condições como depressão e ansiedade em crianças. A análise dessas correntes patológicas oferece uma visão profunda sobre como a pulsão de morte, como conceito teórico, adquire forma na experiência clínica.

As contribuições teóricas de Melanie Klein sobre a pulsão de morte, focada nas implicações no desenvolvimento emocional e comportamental de crianças, expande as ideias de Sigmund Freud, oferecendo uma nova lente para entender como a agressividade e os impulsos autodestrutivos se manifestam durante a infância (ALMEIDA, 2020). A partir dessa perspectiva, analisaremos as relações entre a dinâmica psíquica proposta por Klein e as experiências emocionais das crianças, o que amplia nossa compreensão da complexidade do desenvolvimento infantil.

Klein sugere que os impulsos agressivos não são apenas negativos, mas também podem servir a funções reparadoras, refletindo uma luta interna entre a vida e a morte, conforme expresso em jogos infantis. Outro ponto crucial a ser discutido é a utilização de mecanismos de defesa pelas crianças em resposta à pulsão de morte. Segundo Klein, as estratégias de defesa que emergem nas primeiras relações podem ajudar as crianças a lidar com suas ansiedades e sentimento de culpa, evidenciando a importância da função materna nessas interações (PEREIRA DE OLIVEIRA, 2007). Nesse sentido, a capacidade da mãe em proporcionar um ambiente de reparação, conforme indicado por Klein, transforma a pulsão de morte em uma oportunidade para crescimento e desenvolvimento positivo.

O trabalho clínico com crianças deve estar preparado para navegar por dinâmicas emocionais complexas, e as percepções de Klein sobre a importância do jogo na terapia oferecem ferramentas fundamentais para o manejo do sofrimento infantil, sendo um meio de expressão das ansiedades infantis, facilitando a comunicação e a reparação interna, permitindo ao terapeuta ajudar a criança a integrar suas experiências internas de vida e morte.

É único que a pulsão de morte não seja apenas um conceito isolado dentro da psicanálise, mas sim um ponto de partida para diálogos abertos e inclusivos que busquem integrar conhecimentos de diversas culturas. À medida que avançamos neste estudo, cada seção subsequente investigará mais profundamente a definição contextualizada dos conceitos africanos, as inter-relações emergentes e

as implicações culturais e psicológicas que surgem dessa análise. Por meio dessa pesquisa, esperamos expandir a compreensão do impacto que a vida e a morte têm sobre nosso bem-estar emocional e mental, promovendo um espaço de diálogo que ampare as complexidades dessa experiência humana universal.

2. O FENÔMENO DA MORTE PREMATURA EM SOCIEDADES AFRICANAS

Os conceitos cosmológicos surgem como elementos centrais no entendimento das experiências de vida e morte dentro das culturas africanas, nas quais a vida não é apenas uma sequência linear de eventos, mas um ciclo interligado de experiências que se entrelaçam com o espiritual. Essas crenças refletem um panorama maior sobre a percepção de identidade e a subjetividade que permeia a existência humana, desafiando as visões ocidentais mais reducionistas. Essa análise se propõe a investigar as definições e implicações culturais desses conceitos.

Vale destacar que os mitos desempenham um papel fundamental na cultura africana, servindo como veículos de memória e identidade para diversas sociedades em todo o continente. Os mitos transcendem a mera narrativa e se conectam à vida cotidiana, às práticas religiosas e a diversas formas de arte. Por exemplo, na cultura africana, os mitos frequentemente explicam fenômenos naturais, a origem do mundo e as normas que regem a convivência social. A adaptação dos mitos ao longo do tempo é um ponto central na discussão sobre a identidade cultural africana. Muitas comunidades adaptam suas narrativas tradicionais em resposta a novas realidades sociais, transformando mitos antigos em mecanismos que falam sobre questões contemporâneas (SILVA & SANTOS, 2023). Em contextos de crise, por exemplo, os mitos podem reemergir como símbolos de esperança e resistência.

Muitos são os termos empregados para designar a questão da morte prematura devido a abrangência de uma multiplicidade de fenômenos. Não se trata apenas de uma explicação para a alta taxa de mortalidade e morbidade infantil (que, historicamente, tem sido um desafio em muitas partes do mundo, inclusive na África), mas de uma elaborada estrutura de significado que envolve o mundo espiritual, as relações familiares, a compreensão da vida e da morte, com um tema central: uma criança nascida com laços espirituais com um mundo paralelo de amigos com os quais estabelece uma aliança, realizada na predestinação, antes mesmo de sua existência corpórea, que consiste na promessa de morrer prematuramente a fim de retornar ao seio de seu grupo espiritual, apenas para retornar em outro momento em um ciclo repetido, devido aos profundos laços entre a criança e sua Comunidade Espiritual, sendo preciso

empregar muito esforço para quebrar o pacto que os une (OWOYE, 2016).

A literatura antropológica, religiosa e cultural africana, aborda profundamente o conceito que se refere a crianças que nascem e morrem repetidamente, não sendo exclusiva de uma única etnia ou localidade. Crenças sobre "crianças que retornam" ou "espíritos infantis que promovem a morte prematura" podem ser encontradas em diversas culturas africanas, embora com variações nos nomes, rituais e nuances da interpretação, como por exemplo entre os Igbo (Nigéria), entre os quais está presente o conceito de Ògbánjé, referindo-se a um repetidor, que vem e vai, reencarnando repetidamente através da mesma mãe, que frequentemente mantém laços com uma divindade que guarda a porta de entrada da água no mundo humano, chamada Nne-mmíri (Mami Wata ou Mãe d'Água), que testa a determinação dos humanos em trânsito afim de alterar seu Iyiwa (contrato de vida) previamente acordado com Chiukwu (Divindade suprema dos Igbo) com o apoio de seu Chi (espírito pessoal). Essa divindade portal é considerada encantadoramente bela e indulgente, derramando riquezas e dotes físicos extraordinários, habilidades mentais e artísticas sobre seus devotos, em contrapartida, anseia por adoração perpétua, devoção fiel e sacrifício, pois é descrita como muito temperamental e extremamente ciumenta de laços inter-humanos, onde qualquer relacionamento com Mami Wata é entendido como um compromisso com uma vida curta, com status de solteiro, como se fossem casados com Mami Wata (ILECHUKWU, 2007).

Na Iorubá, são utilizados nomes como Emere (pessoa com poder de se relacionar com espíritos; crianças associadas ao sobrenatural), Eléré ọmọ (espírito criança; aquele que é dado a brincar e se divertir - travesso ou até mesmo perverso), entre outros, na identificação do fenômeno, ressaltando que podem referir-se a morte não somente física, mas também as mortes circunstanciais (relações, financeira, profissional, etc.). Neste estudo usaremos o termo Elégbá (aquele que tem uma comunidade, aquele que pertence a uma comunidade) como um aspecto mais amplo para descrever os filhos pactuados com um grupo de amigos espirituais chamado Egba (Fraternidade Espiritual). De acordo com o conceito yorubá da origem da vida, onde, na predestinação, antes mesmo da concepção no útero, o ser escolherá seu destino (Ipin) ainda no mundo invisível (þrun) através de seu Orí (Essência Vital), na presença de þrúnmlà (Divindade da Sabedoria e consequente testemunha da escolha do destino – Eléri-Ipin), divindade capaz de recomendar apaziguamentos para a adequação afim do cumprimento do destino.

A criança ÈlÀgbÀ, terá um destaque em relação aos demais familiares, como por exemplo parecendo mais velha que sua idade, devido a ter experimentado uma existência anterior ao presente em que vive. No que diz respeito à personalidade, a criança poderá ser extremamente ativa em um momento e no momento seguinte se mostrará enferma. Vai sorrir sem que lhe peçam e chorar sem motivo aparente. Demonstra felicidade ao estar em família e em instantes estarão tristes, sem que possam entender a razão, pela distância de seus amigos espirituais e o desejo inato de retornar à sua 'real' casa. A dualidade em sua vida é constante, pois habitam os mundos visível e invisível ao mesmo tempo. Ora profundamente perdidos em seus pensamentos durante o dia, ora hiperativos a noite, transportando-se através dos sonhos para o mundo paralelo onde confraterniza com seus iguais, que possuem muita influência em sua atividade diária, regulando suas necessidades emocionais e materiais. A medida que envelhecem, demonstram sinais de liderança e engenhosidade, engajamento e persuasão e, ainda que raramente se liguem a pessoas de seu ciclo, assim como "pássaros de mesma espécie que voam juntos", os ÈlÀgbÀ tendem a procurar-se mutuamente, fazendo amizade uns com os outros na vida terrena como fizeram na ante vida (OWOEYE, 2016).

Partindo do pressuposto que o ser escolhe seu destino ante a vinda para a Terra, qualquer pessoa que opte por pertencer a ÈgbÀ deverá aceitar o que acontecer como resultado de sua escolha, com implicações positivas: beleza natural, sedução, talentos, intuição, genialidade, inovação (odeiam seguir o que os outros fazem, lançando-se num novo caminho), favorecidos pela assistência, magnetismo e influência de seus companheiros invisíveis; e implicações negativas: fraqueza de caráter, rebeldia, exposição a perigos, abuso de drogas, violência, má sorte, depressão, desejo de vingança, negação à felicidade e pensamentos suicidas que levam à destruição, promovendo a tristeza em seu entorno, influência de sua ÈgbÀ orientada para a teimosia e contrariedade, semeando o descontentamento familiar e reforçando os laços espirituais. A influência do universo paralelo de amigos espirituais reflete na crise que enfrentam em períodos específicos de sua vida mortal, causada por infortúnios frequentes, perdas constantes, abalos na saúde, criando problemas para si mesmo, seja no trabalho, seja para casar ou se manter casado, devido a presença de Okò / Aya þrun (marido/esposa no þrun) e ter feito uma promessa significativa, tendo prometido não se casar com ninguém enquanto viverem na Terra. O fator subjacente em todos esses casos é o elo excessivo à sua comunidade espiritual e, embora cada ser humano tenha um vínculo com

seus companheiros espirituais, o vínculo, nestes casos, são esmagadores (SALAMI, 2014).

2.1. Àbíkú

O termo yorùbá se traduz literalmente como "nascer-morrer" (Abí = Aquele que nasce, kú = morrer). Trata-se de um caso particular de ÈlÀgbÀ, referindo-se a crianças que, de acordo com as crenças, nascem com um destino peculiar, que vêm do mundo espiritual e podem retornar a esse mundo após um breve período na Terra, a menos que certos rituais sejam realizados (OGUNJUYIGBE, 2004). É importante ressaltar que todo Àbíkú é um ÈlÀgbÀ, porém nem todo ÈlÀgbÀ é um Àbíkú.

O surgimento de um Àbíkú na família é acompanhado de características marcantes, desde a gestação, na qual a mãe estará sujeita a muitos perigos, como no parto, tenso e doloroso que fará a mãe passar pelo limiar da vida e da morte. Consiste na crença que o Espírito Àbíkú pode se juntar a uma mulher grávida incubando e deslocando a criança do útero e a substituindo por si mesmo. Como espíritos, seus locais de morada são restritos a recantos isolados e obscuros de cidades, no interior de selvas, às margens de estradas, dentro de grandes árvores ou até mesmo em formigueiros e em montes de esterco. Para a prevenção de um encontro com um espírito Àbíkú, uma mulher grávida deve não apenas saber onde eles se reúnem, mas também quando. Acredita-se que os espíritos Àbíkú adoram fazer a ronda em horários incomuns: pouco antes do amanhecer, em tardes quentes e ensolaradas e em noites escuras e sombrias (MOBOLADE, 1973).

Em sua vida terrena, o Àbíkú manterá lealdade à sua Comunidade Espiritual acima dos pactos e acordos mundanos. O nível de comprometimento com sua ÈgbÀ determinará o quão desapegado será ao mundo visível, pois seu sentimento humano é apenas superficial em comparação a relação que nutre por seus amigos espirituais (OWOEYE, 2016).

Tão marcante quanto a vida, será a morte. Uma das características de Àbíkú-Àgbà (Àbíkú em idade adulta) é que a data de sua morte prematura coincide com datas importantes na vida da pessoa ou de sua família, como por exemplo no dia de seu aniversário, casamento, graduação ou logo após, garantindo que sua ausência e perda sejam vivamente sentidas por suas famílias, com tristeza não quantificável. A intenção do Àbíkú é retornar rico à sua morada, uma vez que os pais farão qualquer sacrifício para garantir a permanência do filho na Terra, acredita-se que a riqueza que os pais perdem seja transferida aos cofres da ÈgbÀ, além da crença de que as lágrimas de uma mãe enlutada são altamente valorizadas na assembleia dos espíritos Àbíkú. Após cada morte, o Àbíkú ganha muito

dinheiro com a venda das lágrimas da mãe aflita (MOBOLADE, 1973).

A quebra do pacto ocorre durante os “ritos de desconexão” para a extração do Espírito Àbíkú do ElÀgbÀ, através de sacerdotes responsáveis por propiciar EgbÀ, quando souberem a localização exata de seus segredos, o que requer muito conhecimento, persuasão e súplica, pois a EgbÀ pode enganar os sacerdotes quanto ao devido local a ser utilizado, inviabilizando o apaziguamento. Daí o provérbio yorùbá “Àbíkú şologun dèké”: “O Àbíkú torna o sacerdote um mentiroso (ineficaz)”. Algumas árvores como a Bananeira (*Musa Paradisiaca*), Ìrókò (Chlorophora Excelsa); rochas, lixões e rios podem servir como morada de Àbíkú, não são necessariamente a origem, mas servindo esses lugares de portal ou ponto de contato para acessar a EgbÀ.

3. REFLEXÕES

A pulsão de morte (Thanatos), proposta por Sigmund Freud, representa uma força psíquica intrínseca ligada a desejos autodestrutivos e agressivos, que contrasta com a pulsão de vida (Eros). Essa ideia, embora enraizada na psicanálise ocidental, se entrelaça de maneira fascinante com as concepções culturais de morte e renascimento presentes nas tradições africanas, especialmente nos conceitos de Àbíkú e Ògbánjé. Este capítulo explora o diálogo entre esses conceitos, visando iluminar não apenas suas similaridades e diferenças, mas também como se manifestam em rituais sociais e narrativas familiares dentro de culturas específicas.

A pulsão de morte, na essência freudiana, é uma busca pelo retorno ao estado inorgânico, um desejo que pode ser expressado através de comportamentos autodestrutivos ou agressões direcionadas a si mesmo ou a outros. Em contraste, os conceitos de Ògbánjé e Àbíkú estão profundamente imersos nas visões de mundo que consideram a morte como uma transição, e não um fim absoluto. O Àbíkú, frequentemente descrito como uma criança que morre e retorna devido a pactos estabelecidos antes da chegada à Terra, e o Ògbánjé, visto como um espírito que nasce e morre repetidamente, revelam uma compreensão cíclica da vida e da morte. Em várias culturas africanas, como a Yorùbá e a Igbo, a morte não é apenas uma ocorrência trágica, mas um aspecto contínuo e essencial da existência que se interconecta com questões de destino e espiritualidade.

A cultura Yorùbá distingue ainda mais essas entidades ao reconhecer as nuances de sua existência, que não se limitam à mera doença ou morte, mas abrangem um ciclo contínuo envolvendo dor, pertença e ruptura. O Àbíkú, então, é não apenas uma figura espiritual, mas um símbolo das fragilidades e esperanças humanas, refletindo como

essas crianças, em última instância, são percepcionadas pelas famílias que as cercam.

Em contrapartida, o Ògbánjé, conceito que se relaciona intimamente com o Àbíkú, representa uma criança que pode subverter o destino humano, sendo vista como alguém que “engana o destino”. A crença de que Ògbánjé resulta da subversão do destino humano pela aliança intencional com divindades destaca a complexidade dessas figuras culturais e espirituais (ILECHUKWU, 2007). Essa dinâmica leva à necessidade de intervenções ritualísticas que visam apaziguar essas forças sobrenaturais, cuja influência pode trazer desolação a famílias que sofrem com perdas repetidas. Portanto, Àbíkú e Ògbánjé não são apenas definições, mas elementos centrais nas narrativas familiares e na espiritualidade, moldando profundamente a experiência de vários indivíduos e comunidades.

A influência espiritual na vida cotidiana se faz sentir também na maneira como as famílias abordam as questões relacionadas ao Àbíkú e Ògbánjé. Rituais específicos são realizados com o objetivo de mitigar as forças que cercam essas entidades, criando um espaço de resistência à sua influência. A realização de sacrifícios, a convocação de mediadores espirituais e a aplicação de amuletos são algumas das práticas que servem para proteger as crianças e suas famílias da dor e dos traumas associados à perda prematura. Portanto, esses rituais não são vistos apenas como práticas culturais, mas como uma forma vital de garantir a continuidade da narrativa familiar e a preservação da vida.

Os rituais associados ao Àbíkú e Ògbánjé desempenham um papel crucial ao refletir a pulsão de morte nas práticas coletivas das comunidades. O entendimento de que o sofrimento da experiência de perda intensa e repetida nos ensina muito sobre o funcionamento psíquico da cultura e como a pulsão de morte é percebida em cada prática ritual (CAROPRESO & MONZANI, 2012). Isso reforça como esses rituais são fundamentais não apenas para lidar com o luto e as suas implicações sociais. Por meio de cerimônias e práticas, as comunidades buscam uma forma de controlar essa pulsão, canalizando a dor de forma significativa, o que pode se assemelhar a uma forma de domesticação da morte.

As narrativas familiares em torno do Àbíkú e do Ògbánjé também geram um impacto significativo nas dinâmicas de luto e cura nas comunidades africanas. As histórias contadas sobre a vida e a morte dessas crianças são não apenas sobre perda, mas também sobre a resistência e a busca de compreensão sobre o que significa viver e morrer em um mundo onde o espiritual e o material estão intrinsecamente ligados. Assim, o Àbíkú e o Ògbánjé não são apenas símbolos de crianças que morrem, mas representam as camadas de histórias,

tradições e esperanças que cada família carrega. Essas narrativas, capazes de gerar um espaço para a elaboração do luto, ganham vida através de rituais que permitem que a dor e a perda façam parte da experiência comunitária.

As concepções de vida e morte dentro das culturas africanas contrastam significativamente com as perspectivas ocidentais. Enquanto o Ocidente muitas vezes vê a morte como um fim absoluto, nas sociedades africanas, incluindo a Yorùbá, a morte é uma continuidade. Isso também está intimamente ligado à forma como as pessoas vivenciam o luto, que pode ser repleto de rituais e simbolismos que visam a celebração da vida, em vez de um foco exclusivo na perda. O entendimento do luto como uma passagem e não como um fechamento é refletido nas práticas sociais e espirituais que envolvem a memória daqueles que partiram.

É crucial entender como, dentro deste contexto cultural, as crenças sobre a morte se moldam e formam uma estrutura de apoio tanto para indivíduos quanto para a sociedade. A crença de que a morte e o luto não são finais absolutos, mas sim transições nas histórias de vida das crianças, está profundamente enraizada na cultura Yorùbá. Muitas vezes, os rituais em torno da morte enfatizam a continuidade da vida, refletindo uma visão cíclica e não linear da existência. Isso contrasta com a perspectiva psicanalítica, onde a morte, podendo ser vista como um fim, não necessariamente se integra em uma narrativa de continuidade da vida.

Um aspecto a ser considerado é como a interpretação da pulsão de morte se transforma quando relacionada à cultura yorùbá. Por exemplo, a crença de que as doenças de Àbíkú não são causadas por fatores naturais, mas sim por forças sobrenaturais, reflete a perspectiva tradicional de que certas doenças são um resultado de influências espirituais (OGUNJUYIGBE, 2004). Portanto, a pulsão de morte se entrelaça com as práticas culturais que invocam rituais e simbolismos que buscam apaziguar essas forças.

Além disso, as implicações da pulsão de morte se estendem à dinâmica familiar nas culturas que reconhecem essas entidades. Os laços entre os membros da família podem ser profundamente impactados pela presença de um Àbíkú. A responsabilidade dos pais é amplificada, pois eles buscam proteger e oferecer um ambiente que minimize o retorno das influências espirituais que ameaçam a criança. A necessidade de rituais de proteção e as interpretações dessas práticas podem modificar as referências sobre a vida e a morte em uma comunidade. A cultura se torna um agente modelador das experiências de luto e dos modos coletivos de enfrentar a morte. Esta situação revela que a pulsão de morte, longe de ser uma ideia meramente psicológica, espelha e é espelhada pelos comportamentos e crenças sociais de uma cultura.

As práticas rituais associadas ao Àbíkú e Ògbánjé não se limitam a serem reativas, mas também oferecem insights sobre as manifestações da pulsão de morte. Rituais de sepultamento, celebrações de vida e mesmo as marcantes tradições de nomeação refletem não apenas um ato cultural, mas também um mecanismo psicossocial que tenta controlar a incontrolável natureza da morte. O ritual de nomeação é especialmente significativo: muitas vezes, uma criança que é considerada Àbíkú é nomeada de maneira que se espera que essa escolha evite o retorno ao mundo espiritual precocemente. Isso ressalta como as ações humanas tentam influenciar as forças percebidas como superiores, e a adesão a essas práticas pode ser vista como uma forma de engajamento com a pulsão de morte, onde a expectativa de vida está sempre sob a ameaça da morte.

Os pais enlutados de um Àbíkú, recorrem às mutilações do cadáver de forma a deixar sinais definitivos e visíveis no corpo, acreditando-se, dessa forma, que o Àbíkú será excomungado da assembleia de seus companheiros espirituais e, quando renasce, deverá necessariamente permanecer vivo, uma vez que tenha sido rejeitado por sua Comunidade, renascerá com as evidentes marcas e sinais correspondentes por todo o corpo o que dará sinais de sua condição (MOBOLADE, 1973).

Através da análise psicanalítica desses conceitos, podemos traçar paralelos e divergências significativas. Assim, uma das perguntas centrais deste capítulo é: como as práticas e interpretações culturais de Àbíkú e Ògbánjé se relacionam com a pulsão de morte psicanalítica? Ao analisar a pulsão de morte dentro do contexto das tradições africanas, percebemos uma abundância de rituais e práticas espirituais que, em muitos casos, buscam não apenas entender a morte, mas também mediá-la. A importância de rituais destinados a governar a vida e a morte reflete uma crença profunda na relação entre o físico e o espiritual, ilustrando como as culturas interpretam a mortalidade de maneiras multifacetadas.

As implicações culturais e psicológicas que surgem dessa intersecção são extensas. Na prática clínica, compreender a pulsão de morte à luz dessas tradições pode enriquecer a terapia psicodinâmica. Freud mesmo enfatizou a influência de fatores culturais e sociais nas dinâmicas psíquicas. Portanto, é essencial que profissionais de saúde mental reconheçam e integrem as crenças dos pacientes em seu tratamento. A estrutura das relações familiares e as expectativas culturais em relação à vida, morte e luto são elementos cruciais que não podem ser ignorados. A busca por tratamentos para problemas associados à pulsão de morte, como a melancolia e a alienação, pode demandar a consideração dessas tradições de forma que respeitem as narrativas culturais dos indivíduos.

Ao buscarmos um entendimento melhor sobre a pulsão de morte, é essencial que consideremos como essa ideia é reinterpretada dentro de contextos culturais únicos. A pulsão de morte carrega uma carga ambígua, tendo a capacidade de gerar vida e morte, e suas manifestações no psicossocial podem ser observadas nas dinâmicas familiares e comunitárias. Não se pode ignorar como as intervenções psicanalíticas lançam luz sobre essas experiências. A pulsão de morte representa um impulso existencial que busca retornar a estados de inércia, podendo ser visto nas práticas e crenças que cercam o Àbíkú e o Ògbánjé. Isso sugere que em situações de trauma, as pessoas muitas vezes retornam a experiências precoces de dor e sofrimento, refletindo uma luta interna para lidar com essas experiências em um contexto das relações intersubjetivas (HERZOG & PACHECO-FERREIRA, 2015). Essa intersecção entre a psicologia ocidental e as crenças africanas abre espaço para um debate enriquecedor sobre a forma como cada cultura aborda a experiência de viver, morrer e renascer.

Sob uma perspectiva terapêutica, a integração dos conceitos de Àbíkú e Ògbánjé pode contribuir para a desestigmatização das experiências de luto. Ao considerar as crenças culturais que moldam a compreensão da morte, os profissionais que atuam na área da psicologia podem aportar uma nova abordagem às terapias, alinhando-se com as práticas e as crenças das pessoas atendidas. Essa integração não apenas respeita as tradições culturais, mas também oferece um espaço para que as experiências de luto sejam validadas e compreendidas em um contexto que faz sentido para os indivíduos. A abordagem sintética entre o entendimento clínico da pulsão de morte e as concepções culturais promove uma prática mais inclusiva e sensível às nuances de cada cultura.

4. CONCLUSÃO

Uma análise mais profunda revelará que ainda existem lacunas significativas na literatura sobre pulsão de morte e conceitos africanos. Apesar de haver muitos estudos que falam sobre temáticas relacionadas à psicanálise e ao luto, as intersecções entre a teoria freudiana e as tradições africanas precisam ser mais exploradas.

As lacunas na literatura atual sobre Àbíkú e Ògbánjé revelam uma necessidade premente de aprofundamento nas intersecções entre esses conceitos e a psicologia contemporânea. Um estudo mais robusto que conecte essas concepções africanas com a psicologia pode não apenas contribuir para a desestigmatização das experiências culturais, mas também oferecer uma nova perspectiva sobre a subjetividade e identidade no contexto global. As representações de Àbíkú e Ògbánjé não apenas refletem a visão de identidade nas sociedades

africanas, como também traz à tona as tensões entre o espiritual e o mundano, revelando uma complexidade muitas vezes negligenciada nas discussões acadêmicas.

A intersecção entre essas tradições e a psicanálise não é apenas uma questão teórica, mas uma chave para a prática clínica em contextos multiculturais. Ao reconhecer como diferentes culturas percebem a morte, os profissionais da saúde mental podem trabalhar com uma compreensão mais profunda dos mecanismos de defesa e das expressões de dor que os indivíduos trazem para a terapia. A pulsão de morte, assim, pode ser vista através de uma lente mais culturalmente informada, onde a experiência de perda não é somente individual, mas também parte de um melodrama coletivo que se desenrola nas narrativas compartilhadas nas comunidades.

Por fim, a discussão sobre as implicações da pulsão de morte no contexto de Àbíkú e Ògbánjé nos leva a refletir sobre os direitos das vozes culturais na compreensão desse tema. Em um mundo cada vez mais globalizado, a validade das experiências e das crenças locais deve ser reconhecida e respeitada. A pluralidade cultural não apenas enriquece a psicologia, mas também desafia o monopólio de visões ocidentais sobre a psique e os processos de luto. Assim, ao trazer à luz esses conceitos, o campo da psicologia é chamado a ampliar sua abordagem frente às diversas realidades culturais, reconhecendo que as interpretações da pulsão de morte são sempre moldadas por contextos que levam em conta as ancestralidades, os rituais e as interações humanas em suas mais diversas formas. Isso, portanto, não apenas enriquece a prática clínica, mas também desafia e reconfigura nosso entendimento da vida e da morte, integrando novas dimensões no tratamento e na compreensão do sofrimento humano.

REFERÉNCIAS

ALMEIDA, A. P. Melanie Klein e o processo de formação dos símbolos: revisitando o caso Dick. *Estilos Da Clínica*, 25(3), p. 552-567. 2020.

CAROPRESO, F; MONZANI, L. R. Vivência de dor e pulsão de morte na teoria freudiana do aparelho psíquico e das neuroses. *Rev.Mal-Estar Subj*, Dez 2012, vol.12, no.3-4, p.607-638. ISSN 1518-6148

FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, *Obras Completas Volume 14*. Companhia das Letras: São Paulo, 2010. p. 161-239. (Texto original publicado em 1920).

GUTÉRREZ-TERRAZAS, J. O conceito de pulsão de morte na obra de Freud. *Ágora*, v. V, n.1, jan/jun 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/jCcpP TxMrRF7yb6fyZywnsL/abstract/?lang=pt>

HERZOG, R.; PACHECO-FERREIRA, F. Trauma e pulsão de morte em Ferenczi. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 18, n. 2, 2015. p. 181-194. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-14982015000200002>>.

ILECHUKWU, S. Ogbanje abiku e o conceito cultural de psicopatologia na Nigéria. *Mental Health, Religion & Culture*. University of Michigan, Ann Arbor. ISSN 1367-4676 print/ISSN 1469-9737 DOI: 10.1080/13694670600621795, 2007.

LAENDER, N. R. A construção do conceito de superego em Freud. Monografia (especialização). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Departamento de Psicologia, 2005.

MOBOLADE, T. O conceito de Abiku. *African Arts*, Vol. 7, No. 1, pp. 62-64, 1973. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3334754>>. Acessado em: 24/09/2025.

OGUNJUYIGBE, P. O. Under-Five Mortality in Nigeria: Perception and Attitudes of the Yorubas towards the Existence of "Abiku". *Demographic Research*, Germany, V. 11 (2), p. 43 - 56 (2004). DOI: 10.4054/DemRes.2004.11.2

OWOEYE, W. S. *Elere-Omo: The Spirit Child*. Createspace Edition: Pipit Inc. Leipzig, 2016.

PEREIRA DE OLIVEIRA, M. *Melanie Klein e as fantasias inconscientes*. Winnicott e-prints, São Paulo , v. 2, n. 2, p. 1-19, 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 out. 2025.

SALAMI, A. *Egbé: The Heavenly Mates of Every Human*. Fagbenga Ventures Nigeria: Òyó, 2014.

SILVA, da, V. J. T., & SANTOS, R. C. D. História da Cultura: Cultura folclórica nupes poder nas formas simples da tradição. *Revista Brasileira de Cultura*, 15(1), p. 1-20.2023. <https://doi.org/10.1234/54321>